

SUCESSÃO FAMILIAR E RETENÇÃO DE JOVENS NO CAMPO

inovação tecnológica, conectividade e viabilidade econômica

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro agrônomo, extensionista rural de juventude, instrutor cooperativista, mestre em Gestão de Políticas Públicas, teólogo e filósofo. Criador da Agrosófia. Portais: www.ainor.com.br e www.loterio.com.br

RESUMO

Este artigo analisa a sucessão familiar e a retenção das novas gerações no espaço rural, tomando como eixos a inovação tecnológica, a conectividade e a viabilidade econômica das unidades de produção familiar. Trata-se de estudo de natureza qualitativa, construído pela associação entre revisão bibliográfica e relato de experiência profissional acumulada em quatro décadas de extensão rural, gestão pública e formação cooperativista. Parte-se da premissa de que a permanência do jovem no campo não decorre apenas do apelo afetivo, que também ajuda e muito, mas exige um projeto de vida sustentado por renda previsível, autonomia decisória, acesso à tecnologia e conexão com o mundo. Os resultados da reflexão indicam que a sucessão fracassa quando a família transfere bens sem transferir sentido, gestão e corresponsabilidade, e que o cooperativismo constitui plataforma privilegiada de formação de sucessores.

Palavras-chave: Sucessão familiar. Juventude rural. Conectividade. Inovação tecnológica. Cooperativismo.

1 INTRODUÇÃO: A HERANÇA QUE NÃO SE TRANSFERE EM CARTÓRIO

Existe um patrimônio rural que se transmite por escritura pública e existe outro que nenhum tabelião consegue registrar. O primeiro é a terra, o maquinário, o rebanho, o galpão, a lavoura. O segundo é o sentido, o orgulho de pertencer, a convicção de que aquele pedaço de chão vale uma vida inteira de dedicação. Quando a família cuida apenas do primeiro e se esquece do segundo, a sucessão fracassa, mesmo que os bens estejam todos inventariados. O jovem recebe a propriedade e não recebe a razão de permanecer nela.

Sucessão familiar não deve ser encarada de maneira casual, nem reduzida ao direito de herança patrimonial, pois se trata de um processo de transferência de legado pessoal, familiar, ambiental, financeiro, social e sustentável (LOTÉRIO, 2024a). Décadas de convivência com famílias rurais ensinam que a saída dos filhos raramente começa no dia da mudança para a cidade. Ela começa muito antes, na mesa do almoço, quando o pai repete diante dos filhos que aquela vida é sofrida demais e que ele trabalha para que eles não precisem trabalhar assim. A criança escuta, guarda e obedece. O êxodo, muitas vezes, é a realização de um desejo que os próprios pais anunciaram sem perceber, num processo em que se acabou por comprometer a imagem do campo perante a descendência (LOTÉRIO, 2024a).

Quanto ao percurso metodológico, este texto se organiza como pesquisa qualitativa de caráter exploratório, articulando revisão de literatura sobre sucessão geracional e agricultura familiar, dados secundários oficiais de conectividade e êxodo rural, além do relato de experiência do autor como extensionista de juventude rural, Gestor Estadual do Pró-Jovem em Santa Catarina e instrutor cooperativista. Os registros de palestras, cursos e encontros com jovens rurais publicados nos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br compõem o acervo empírico consultado.

2 O JOVEM NÃO ABANDONA A TERRA POR FALTA DE AMOR A ELA

É injusto o diagnóstico que atribui à juventude rural suposta preguiça ou deslumbramento com a cidade. O jovem do campo compara, e compara com informação. Ele enxerga, na atividade rural que lhe é oferecida, três ausências que pesam mais do que qualquer discurso: ausência de renda previsível, ausência de autonomia sobre as decisões e ausência de conexão com o mundo.

Esse diagnóstico não é recente. A Carta da Juventude Rural e Pesqueira de Santa Catarina, elaborada em 1999 no âmbito da parceria entre o Governo do Estado, a Epagri e a sociedade catarinense, já registrava que a maioria dos jovens não vislumbrava futuro seguro no espaço rural e pesqueiro, encontrando-se desmotivada, insegura e despreparada para a missão sucessória. Apontava ainda a participação reduzida do jovem nas decisões da família e da cooperativa, a demora prolongada na transferência da gestão da propriedade e as limitações de infraestrutura nas comunidades (EPAGRI, 1999; LOTÉRIO, 2024a).

O peso da relação familiar nessa escolha é singular. Conforme Silvestro (2001), a esmagadora maioria dos agricultores dá continuidade à atividade paterna, o que não ocorre em nenhuma outra profissão, de modo que as relações internas da família influenciam a decisão de permanecer ou partir mais do que em qualquer outro setor econômico. Some-se a isso a redução acentuada do tamanho das famílias rurais, que diminui o próprio contingente de sucessores potenciais.

O apelo afetivo, portanto, ajuda e ajuda muito, porque é do afeto que nasce o pertencimento. Ele apenas não se basta. Amor à terra somado a projeto resulta em sucessão. Amor à terra sem projeto resulta em saudade. A sucessão familiar é um processo afetivo, técnico, econômico e educativo, construído ao longo de anos, e não um assunto discutido às pressas quando a saúde do pai já não permite adiar a conversa.

3 CONECTIVIDADE: A ESTRADA DO NOSSO TEMPO

Durante o século passado, a reivindicação das comunidades rurais era a estrada. Depois veio a energia elétrica. Hoje, a infraestrutura que define quem fica e quem parte chama-se conectividade. Sem internet estável, o jovem não estuda a distância, não acessa mercado, não opera o sistema de gestão da propriedade, não monitora o clima, não negocia sua produção e não convive com seus pares. A propriedade sem sinal não está apenas sem sinal, está fora do seu tempo.

Os dados oficiais confirmam avanço expressivo e desigualdade persistente. Segundo o módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a internet chegou a 95% dos domicílios brasileiros em 2025, sendo que a indisponibilidade do serviço na área do domicílio ainda respondia por 8,9% dos casos de não utilização no meio rural, contra somente 0,4% no meio urbano. A diferença de cobertura de rede móvel celular entre domicílios urbanos e rurais permaneceu elevada, em 28,1 pontos percentuais (IBGE, 2026).

Tratar a conectividade rural como conforto é um equívoco de leitura. Ela é infraestrutura produtiva, tão determinante quanto a eletrificação foi para a agroindustrialização familiar. É também infraestrutura afetiva, porque devolve ao jovem a sensação de que permanecer no campo não significa desaparecer do mundo.

4 INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E A NOVA IDENTIDADE DO AGRICULTOR

A tecnologia opera uma transformação silenciosa e poderosa na sucessão: ela muda a imagem que o jovem faz de si mesmo. O filho que se via condenado a repetir o esforço físico do pai passa a reconhecer-se como gestor de um negócio, alguém que interpreta dados, planeja safras, calcula custos, aplica manejo de precisão e responde por resultados. A tendência é o surgimento de novas ocupações rurais ligadas a tecnologias inovativas, tais como monitoramento, agricultura de precisão, planejamento, gestão de pessoas e leitura de mercado, o que exige a formação de sucessores ao mesmo tempo enraizados e inovadores (LOTÉRIO, 2024a).

Aqui reside uma vantagem que as famílias precisam aprender a explorar. O jovem costuma dominar a ferramenta digital melhor do que a geração anterior. Quando os pais reconhecem essa competência e a incorporam à gestão, a sucessão deixa de ser espera e passa a ser contribuição. O sucessor não fica aguardando a aposentadoria do antecessor para existir, pois já tem função, voz e responsabilidade.

As limitações de formação, quando existem, superam-se com capacitação continuada, assistência técnica e extensão rural qualificada. O que não se supera é a humilhação de quem é tratado como aprendiz eterno dentro da própria casa.

5 VIABILIDADE ECONÔMICA: O ARGUMENTO QUE SUSTENTA TODOS OS OUTROS

Nenhum discurso sobre qualidade de vida no campo se sustenta diante de uma planilha deficitária. Se a propriedade não gera renda compatível com o projeto de vida do jovem, ele parte, e parte com razão. A viabilidade econômica exige diversificação de receitas, agregação de valor à produção primária, acesso a crédito adequado, escala obtida pela via associativa e clareza sobre quanto cada pessoa da família efetivamente ganha. Quanto mais diversificada a propriedade em atividades agrícolas e não agrícolas, maior a probabilidade de os filhos se tornarem sucessores por atividade (LOTÉRIO, 2024a).

A dimensão econômica, contudo, é também intergeracional. Pasqualini (2018) adverte que cerca de setenta por cento das transferências patrimoniais entre gerações fracassam, isto é, o montante transmitido é menor do que o recebido, e sustenta que o foco do planejamento sucessório não deve recair apenas sobre o jovem, mas sobre toda a família, pois a descontinuidade patrimonial costuma ser sintoma de descontinuidade no plano dos valores.

Chamo a atenção para um ponto delicado e decisivo: a remuneração definida. Muitos jovens permanecem anos trabalhando sem salário, sem participação formal nos resultados e dependendo da mesada informal do pai. Isso não é sucessão, é subordinação prolongada. O acordo familiar precisa ser escrito, com atribuições, participação nos resultados e prazos de transferência da gestão. A informalidade que parece proteger a harmonia é justamente o que produz o conflito futuro.

6 O COOPERATIVISMO COMO PLATAFORMA DA SUCESSÃO

A propriedade familiar isolada raramente alcança sozinha a escala, a tecnologia e o mercado de que necessita. O cooperativismo é o instrumento que multiplica a capacidade individual sem suprimir a autonomia da família. Comitês de jovens, programas de formação de novas lideranças, crédito orientado, assistência técnica e canais de comercialização transformam a cooperativa em ambiente de pertencimento, e o pertencimento é o combustível da permanência.

Trata-se, além disso, de uma questão de sobrevivência institucional, conforme advertem Memlak e Dewes (2020):

A sucessão familiar é um tema de extrema importância e deve ser discutida e avaliada constantemente, pois se não houver sucessão nas propriedades, não haverá nas cooperativas.

Na mesma direção, o cooperativismo de plataforma, apoiado nos meios digitais e especialmente atrativo para a população mais jovem, pode contribuir para organizações mais ágeis e para novas formas de organização social e econômica (SCHOLZ, 2020). Nas cooperativas que investem seriamente em juventude, o resultado aparece: o jovem descobre que existem carreira, representação e futuro na atividade rural.

7 RELATO DE EXPERIÊNCIA: QUATRO DÉCADAS ENTRE JOVENS RURAIS

A reflexão aqui apresentada nasce do exercício profissional. Atuei por três décadas como extensionista rural envolvido com os Clubes de Trabalho 4-S, cuja finalidade era reunir os jovens para identificar os próprios problemas e os da comunidade e construir soluções em conjunto, despertando neles o interesse pelo associativismo (LOTÉRIO, 2024a). Na sequência, como Gestor Estadual do Pró-Jovem, Programa de Motivação da Juventude para a Qualidade Essencial na Agricultura e na Pesca, participei da construção coletiva que resultou na Carta da Juventude Rural e Pesqueira de Santa Catarina (LOTÉRIO, 2017).

Esse percurso teve continuidade em atividades de formação realizadas em vários estados, das quais os portais guardam registro: a palestra “Agricultura Familiar: Sucessão e Sustentabilidade das atividades rurais” (LOTÉRIO, 2019a); a preleção “Sucessão Familiar: Empreendedorismo, Renda e Agregação de Valor” (LOTÉRIO, 2019b); o Encontro Regional de Jovens Rurais, familiares e lideranças, com o tema “Juventude no Campo, Semente de Sucessão”, em Caçador, Santa Catarina, ao lado das edições do Programa Juventude Cooperativista no Campo, realizadas com a Cresol e o Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário (LOTÉRIO, 2026a); e o encontro “Cooperativismo e Família: Passando o Bastão, Motivando a Sucessão”, promovido pela Coopervi em parceria com o Sescop de Goiás (LOTÉRIO, 2026b).

O que se observa nesses ambientes é convergente: onde o diálogo intergeracional foi organizado com método, a sucessão avançou; onde permaneceu tímido ou inexistente, o jovem partiu. Vale lembrar que o êxodo rural brasileiro foi mais intenso entre 1960 e 1980, período em que contribuiu com quase vinte por cento de toda a urbanização do país, reduzindo-se a cerca de três e meio por cento entre 2000 e 2010 (ALVES et al., 2011). O fenômeno perdeu força, mas deixou uma lição que ainda não foi plenamente aprendida.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SUCESSÃO SE PREPARA, NÃO SE IMPROVISA

A pergunta que proponho a cada família rural é simples e incômoda. Você está preparando um sucessor ou apenas esperando um herdeiro? O herdeiro recebe bens. O sucessor recebe projeto, gestão, formação e confiança. Hoje “faltam sucessores, mas sobram herdeiros” (LOTÉRIO, 2024a), e essa é a síntese do problema que temos diante de nós.

Quem deseja reter a nova geração no campo precisa oferecer a ela aquilo que ofereceria a qualquer profissional talentoso: renda justa, ferramentas modernas, conexão com o mundo,

autonomia de decisão e propósito. Isso supõe políticas públicas continuadas de conectividade e assistência técnica, cooperativas comprometidas com a formação de lideranças jovens e, sobretudo, famílias dispostas a partilhar informação, decisão e resultado.

O jovem permanece onde consegue ser, ao mesmo tempo, produtivo e feliz. Essa é a equação inteira, e ela começa dentro de casa, na forma como falamos da terra diante dos nossos filhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu et al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, ano XX, n. 2, p. 80-88, abr./jun. 2011.

EPAGRI. **Carta da Juventude Rural e Pesqueira de Santa Catarina**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1999.

IBGE. **PNAD Contínua TIC 2025**: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/47410-internet-chega-a-95-de-domicilios-do-pais-em-2025>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pais frouxos, filhos sofrendores. Pais firmes, filhos felizes**: reflexões, agrosafia e motivação. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2015.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agricultura**: atuação profissional e Pró-Jovem. Portal Aínor Lotério, Camboriú, 2017. Disponível em: <https://ainor.com.br/agricultura/>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agricultura familiar: sucessão e sustentabilidade das atividades rurais**. Portal Aínor Lotério, Camboriú, 2019a. Disponível em: <https://ainor.com.br/arquivos/13980>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Sucessão familiar: empreendedorismo, renda e agregação de valor**. Portal Aínor Lotério, Camboriú, 2019b. Disponível em: <https://ainor.com.br/arquivos/14676>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Relação do cooperativismo com a sucessão familiar**: análise, desafios, lições e estratégias preditivas. Camboriú: Portal Aínor Lotério, 2024a. Disponível em: <https://ainor.com.br/wp-content/uploads/2024/03/RELACAO-DO-COOPERATIVISMO-COM-A-SUCESSAO-FAMILIAR.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Eixos, temas e públicos**: juventude e sucessão. Portal Lotério, Camboriú, 2024b. Disponível em: <https://loterio.com.br/eixo-temas-e-publicos/>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Palestras já realizadas sobre agricultura**: juventude no campo, semente de sucessão. Portal Aínor Lotério, Camboriú, 2026a. Disponível em: <https://ainor.com.br/categoria/agricultura/>. Acesso em: 31 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Cooperativismo: temas de palestras**: cooperativismo e família, passando o bastão, motivando a sucessão. Portal Aínor Lotério, Camboriú, 2026b. Disponível em: <https://ainor.com.br/categoria/cooperativismo/cooperativismo-temas/>. Acesso em: 31 ago. 2026.

MEMLAK, Adriana Fátima; DEWES, Fernando. **Cooperativismo e juventude**: as perspectivas de participação dos jovens das famílias associadas à cooperativa extremo norte. Porto Alegre: Emater-RS/Ascar, 2020.

PASQUALINI, Alexandre. Sucessão familiar. **Revista Rio Grande Cooperativo**, Porto Alegre, ano 4, n. 13, SESCOOP-RS, 2018.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

SILVESTRO, Milton Luiz et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade rural de Campestre, Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de agricultores familiares. Formou-se técnico agrícola e engenheiro agrônomo, é mestre em Gestão de Políticas Públicas, além de psicopedagogo, teólogo e filósofo. Ingressou no serviço de extensão rural em 1981, pela Acaresc, depois Emater-SC e Epagri, onde atuou por décadas junto à juventude rural, implantou o Projeto Microbacias de Turismo Ecológico e Rural, foi Diretor Estadual e Gestor Estadual do Pró-Jovem, Programa de Motivação da Juventude Rural e Pesqueira do Estado de Santa Catarina.

Foi Prefeito Municipal de Camboriú, assessor legislativo na Alesc e consultor cooperativista junto à Emater-RS/Ascar e ao Sistema OCB/Sescoop. Mantém, desde 1989, o programa de rádio Alegria de Viver. É criador da Agrosafia, filosofia de vida com base no agro, e dos conceitos de Motivação Racional, Inteligência Orientada, Ciclomotivação e Pedagogia da Ausência. Autor de “Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes”, “Paixão pelo Cooperativismo”, “A Eternidade em Nós” e “Um Minuto de Inspiração”.

Atua como palestrante e instrutor nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia. Reside em Camboriú, Santa Catarina, onde mantém o Sítio Agrosafia. Contato: ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010 | www.ainor.com.br | www.loterio.com.br